

pouca distância de el-rei, em cuja cervilheira de malha de ferro ferviam fulgidos os raios do Sol.

Toda a clerecía da Sé estava ali apinhada, e o príncipe, sem dar palavra e com os olhos fitos no chão, parecia envolto em fundo pensar. O silêncio era completo.

Por fim, Afonso Henriques ergueu o rosto carrancudo e ameaçador e disse:

— Cónegos da Sé de Coimbra, sabeis a que vem aqui o infante de Portugal?

Ninguém respondeu palavra.

— Se o não sabeis, dir-vos-lo-ei eu — prosseguiu o príncipe — : vem assistir à eleição do bispo de Coimbra.

— Senhor, bispo havemos. Não cabe aí nova eleição — disse o mais velho e autorizado dos cónegos que estavam presentes e que era o adiaião.

— Amen — responderam os outros.

— Esse que vós dizeis — bradou o infante, cheio de colera — , esse jamais o será. Tirar-me quis ele o nome de filho de Deus; eu lhe tirarei o nome de seu vigário. Juro que nunca em meus dias porá D. Bernardo pé em Coimbra: nunca mais da cadeira episcopal ensinará um rebelde a fé das santas escrísticas! Elegei outro: eu aprovaréi vossa escolha.

— Senhor, bispo havemos. Não cabe aí nova eleição — repetiu o adiaião.

— Amen — responderam os mais.

O furor de Afonso Henriques subiu de ponto com esta resistência.

— Pois bem! — disse ele, com a voz presa na garganta, depois de olhar terrível que lançou pela assem-

bleia, e de alguns momentos de silêncio. — Pois bem! Saí daqui, gente orgulhosa e má! Saí, vos digo eu. Alguém por vós elegerá um bispo...

Os cónegos, fazendo profundas reverências, encaminham-se para as suas celas, ao longo das arcarias da crasta.

Entre os que ali se achavam, um negro, vestido de hábitos clericais, tinha estado encostado a um dos pilares, observando aquela cena: os seus cabelos revoltos contrastavam pela alvura com a pretidão da tez. Quando o príncipe falava, ele sorria-se e meneava a cabeça, como quem aprovava o dito. Os cónegos começavam a retirar-se, e o negro ia atrás eles. Afonso Henriques fez-lhe um sinal com a mão. O negro voltou para trás.

— Como háis nome? — perguntou-lhe o príncipe.

— Senhor, hei nome Soleima*. *

— És bom clérigo? **

— Na companhia não há dois que sejam melhores.

— Bispo serás, D. Soleima. Vai tomar teus guisamentos, que hoje me cantarás missa.

O clérigo recuou: naquela face tisnada viu-se uma contracção de susto.

— Missa não vos cantarei eu, senhor — respondeu o negro com voz trémula — , que para tal auto não tenho as ordens requeridas.

* É notável coincidência a seguinte: em 1088 um presbítero, por nome Zoleima, fez uma doação à Sé de Coimbra. Desta doação se lembra Frei Antônio Brandão, M. L., P. 3.^a, L. 8.^a, Cap. 5.^o, pág. 13, col. 2.^a in fine.
** Clérigo naquela época não significava só o eclesiástico revestido do sacerdócio, mas sim qualquer indivíduo empregado no serviço do culto. Daí a frequente menção, nos documentos, de clérigos casados.